



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos jornais El Clarín e La Nación, da Argentina, e aos jornais La Tercera e El Mercurio, do Chile**

**Palácio do Planalto, 25 de abril de 2007**

**Ministro Franklin Martins:** Presidente, só para dar uma informação, nós temos aqui dois jornais do Chile e três da Argentina. Vocês podiam só se apresentar.

**Jornalista:** Fale-nos sobre sua viagem. Algo que nos interessa a todos. Por que agora, nestas duas capitais, em momento importante para os três países?

**Presidente:** Veja, o primeiro gesto que fiz depois de eleito, em 2002, foi uma viagem para a Argentina e uma viagem para o Chile, porque são dois países que consideramos extremamente importantes para a relação da América do Sul, para as relações bilaterais com o Brasil e, também, porque existe uma coisa sentimental, de gratidão entre Brasil e Chile e Brasil e Argentina. Ou seja, nós sofremos os mesmos problemas, fomos vítimas das mesmas torturas, nos auxiliamos mutuamente. Então, toda vez que eu converso com o governo argentino e com o governo chileno, sobretudo os chilenos, já que por onde eu viajava no mundo, eu encontrava um grupo de chinelos exilados, eu sei da gratidão que o Brasil tem com o Chile pela acolhida de milhares de brasileiros no período mais duro aqui no Brasil, e também a acolhida que o Brasil deu aos companheiros chilenos, aqui, em momentos difíceis no Chile. Então, eu não sei se essa coisa é só institucional. Para mim tem o lado institucional, o lado do papel dos Estados, mas é uma coisa de sentimento, é uma coisa de alma.

E por que essa viagem para o Chile? Primeiro, porque eu estou devendo uma viagem desde que a Michelle foi eleita presidente do Chile. E também



tenho dívidas nessa viagem com a Argentina, porque a Argentina é o principal parceiro do Brasil no Mercosul. Argentina e Brasil têm uma importância muito grande em tudo que pode acontecer na América do Sul. E, diferentemente do Chile, em que eu vou numa viagem de Estado, vamos fazer acordos, na Argentina eu vou simplesmente ter uma conversa política, ou seja, colocar a nossa pauta em dia. Eu acho que essa é uma coisa que eu tenho que fazer constantemente com os países do Mercosul.

Eu estou indo nesse mês de maio ao Paraguai. Eu fiz uma viagem ao Uruguai, e agora vou visitar a Argentina e Chile. Eu penso que é importante para nós. Sabe por quê? Porque a integração, ela não é um componente que vai se dar apenas pela competência da nossa diplomacia ou pela nossa proximidade geográfica. Ela vai se dar na medida em que um conjunto de instituições tenham confiança entre si. Durante o século XX nós, aqui na América do Sul, estávamos com as costas voltadas para nós mesmos. Nós tínhamos relações comerciais, mas os nossos amigos eram mais os europeus e os Estados Unidos. Tinha até briga entre presidentes dos países para saber quem era mais amigo do governo americano. E eu acho que nós temos que ser, em primeiro lugar, amigos entre nós, temos que nos definir como os principais parceiros, para depois a gente, com essa força da unidade, conseguir intentos nas negociações com outros blocos. É assim que eu penso.

**Jornalista:** Faz alguns dias o porta-voz Lagos Weber, do Chile, disse que o Brasil reunia as condições para fazer uma integração não ideológica da América do Sul. O Brasil tem as costas amplas o suficiente para fazer uma integração não ideológica? O senhor está assumindo essa liderança? Está lhe sendo solicitada essa liderança não ideológica para o Sul?

**Presidente:** Primeiro, eu acho que na relação entre Estados não existe a questão ideológica. A questão ideológica existe entre pessoas. Eu posso gostar



de alguém pessoalmente, pelo comportamento ideológico, mas na hora em que o Estado brasileiro vai conversar com o Estado equatoriano, chileno, argentino, paraguaio, americano, a relação é de chefe de Estado para chefe de Estado. E aí são os interesses das nações que estão em jogo e não as vontades pessoais. Eu penso que a integração da América do Sul vai se dar concomitantemente com a evolução política dos povos que representamos e dos dirigentes políticos. Eu, muitas vezes, acho que as coisas deveriam ser mais fáceis, mas não são. Não são por quê? Porque nós somos políticos e reagimos às notícias, reagimos às palavras e, às vezes, uma palavra mal colocada cria um problema diplomático que a nossa chancelaria precisa costurar. Então, o que eu, particularmente, tenho feito? O que eu tenho trabalhado? Primeiro, eu me considero amigo, não apenas presidente, mas amigo de todos os companheiros que hoje presidem os países da América do Sul. E eu trabalho com a idéia de que, quando terminar o meu mandato e o mandato deles, nós vamos continuar sendo amigos, porque não é possível fazer política sem construir essa amizade. Pois bem, eu tenho a compreensão e penso que a Argentina também tem essa compreensão de que, como somos as economias mais fortes da América do Sul, dentro do Mercosul nós é que temos que ter o gesto de compreender as assimetrias e cuidar com carinho de criar oportunidade para que os países menores tenham possibilidades. Nem sempre é fácil, porque os interesses empresariais, cada um quer ganhar mais, na relação comercial, todo mundo quer exportar mais do que importar, e nós trabalhamos com a idéia do equilíbrio. A política comercial é importante quando os dois países estão contentes com o resultado. É como se fosse uma via de duas mãos, é sempre importante que haja um equilíbrio.

Eu, por exemplo, sempre tive a compreensão do que aconteceu na Argentina no período em que foi desmontado todo o parque industrial da Argentina, e compreendo, como se fosse uma coisa do Brasil, a vontade que o presidente Kirchner tem de reconstruir o parque industrial argentino. Da mesma



forma que eu compreendo as razões pelas quais o Chile tem acordo de livre comércio com os Estados Unidos.

O Brasil tem compreensão de que o fato de nós quisermos trazer todo mundo para essa integração na América do Sul, para o Mercosul... nós respeitamos as relações bilaterais dos países. Então, não se trata de ver a integração diferentemente de outros presidentes, trata-se da compreensão de que só pode haver integração se um conjunto de pessoas estiverem dispostas a abrir mão de alguma coisa para que os outros se sintam conquistadores de alguma coisa.

Há um dado ainda. As pessoas falam muito do Chávez. O Chávez tem sido um parceiro excepcional, político, comercial, ele tem sido um sócio. Nós não temos nenhum problema com a Venezuela, acho que a Argentina não tem, o Chile não tem. Eu disse para o Chávez, outro dia, na reunião: é como se nós tivéssemos uma corrida de Fórmula I e o Chávez tivesse um carro que corre a 300 quilômetros por hora e os outros estivessem a 280, 190, porque cada um trabalha com um tempo.

**Jornalista:** (comentário em espanhol)

**Presidente:** Não, é porque cada um trabalha com o tempo do seu país. É importante ter claro que Lula, Kirchner, Michelle, Rafael, Nicanor, Tabaré, cada um de nós reage em função das coisas que acontecem dentro do nosso país. Vivemos tentando encontrar respostas para as manchetes dos jornais do nosso país, vivemos procurando dar respostas às críticas que nos são feitas dentro do nosso país e, muitas vezes, essas respostas se chocam com interesses de outros. Então, é preciso que a gente tenha mais paciência, a integração não exige um processo de votação, o consenso tem que ser construído até que a gente tenha uma maturidade de governo e dos povos dos nossos países, porque isso é importante. Há um sentimento no Chile, na Argentina, no Brasil,



em qualquer país da América Latina, pela integração. Um sentimento no meio do povo. Essa questão latino-americana, América do Sul, Mercosul, é uma paixão.

Agora, quando a gente coloca os pés no chão... os Estados Unidos têm uma importância muito grande para as nossas economias, a União Européia tem uma importância muito grande para as nossas economias. Então, nós percebemos que não existimos sozinhos no mundo, que é preciso construir outras parcerias. Agora, eu tenho chamado a atenção, nas reuniões de presidentes, porque muitas vezes nós ficamos nos cobrando por que não avançamos mais. Agora, ao mesmo tempo, eu fico imaginando o que éramos há 10 anos. O que éramos? Não havia quase diálogo entre os presidentes, os países não conversavam entre si, a relação era eminentemente comercial, havia disputa sobre quem era o mais importante.

Eu acho que ninguém lidera se quiser ser líder. Ninguém escolhe ser líder. O líder surge na medida em que os liderados o compreendem como líder. E na América Latina nós não estamos precisando de um líder para liderar os outros. O que nós precisamos é de uma relação forte entre os Estados, entre os governantes, de respeito mútuo, de compreensão das diferenças econômicas, culturais e políticas, e a partir daí construir os pontos de consenso entre nós.

**Jornalista:** Presidente, o senhor falou uma coisa que eu achei muito interessante, que foi o fato de o senhor falar que os países maiores, as economias maiores têm que fazer um esforço para puxar as economias menores e fazer com que a região tenha maior equilíbrio. Agora, eu vou fazer uma pergunta muito concreta. O senhor foi perguntado na Ilha Margarita pelo Banco do Sul. O Banco do Sul não seria um instrumento justamente para fazer essas economias menores puxarem e conseguirem um desenvolvimento mais equilibrado? O que o senhor acha? Gostaria que falasse um pouquinho disso.



**Presidente:** Pode ser, se nós definirmos corretamente o que queremos do Banco do Sul. Esse banco será do tipo do FMI, para ajudar os países na crise? Esse banco será de desenvolvimento, como é o nosso BNDES aqui, como é a CAF, como é o BID? Ou seja, que tipo de banco será, qual será a participação de cada país? Porque um banco dessa magnitude precisa estabelecer critérios de cotas. Isso não foi discutido. Nós, agora, sugerimos ao presidente Correa, numa reunião que tivemos aqui no Brasil, e ele está convocando uma reunião dos ministros da Economia para que se faça uma reunião em Quito e se defina claramente o que é esse banco. O Brasil tem todo interesse em participar.

**Ministro Celso Amorim:** Me permita só uma coisinha. Na Argentina há uma preocupação muito grande de que o Brasil não desejaria uma espécie de BNDES regional, que pudesse financiar a indústria, porque já tem o seu BNDES. Isso não é verdade, nós temos interesse nesse aspecto. O Presidente não detalhou, mas nós temos interesse num banco que possa ajudar nos investimentos. A dúvida é, como o Presidente disse, como fazer, e a dúvida, inclusive, se este é o objetivo que se está procurando para o Banco do Sul, na realidade.

**Presidente:** Veja, vamos deixar uma coisa clara aqui. O Brasil fará tudo que estiver ao seu alcance para que a gente construa o que for necessário para facilitar o processo de integração, o processo de intercâmbio entre os países. Eu tive toda a compreensão quando o presidente Kirchner reclamava, por exemplo, da linha branca, de geladeiras e de fogões que a Argentina estava importando, quase 80%. Eu tinha e tenho a nítida compreensão de que a Argentina tem que ter a sua indústria. E é importante perceber que há uma evolução, há muitos empresários brasileiros investindo na Argentina, como há muitos empresários chilenos investindo no Brasil. E tem poucos empresários



brasileiros, ainda, investindo no Chile. Então, nós precisamos caminhar para que haja uma certa eqüidade nessa coisa.

Agora, vejam, eu trabalho com a idéia de que possamos construir, nesses próximos quatro anos, uma moeda única no Mercosul. Estamos dando um passo na discussão com a Argentina de fazermos as nossas trocas comerciais nas nossas moedas. Poderemos caminhar para um Banco Central único? Poderemos. Agora, isso leva tempo, porque tem que ter uma acomodação técnica com uma compreensão política do tempo em que temos que fazer isso.

Nós propusemos, por exemplo, que poderíamos transformar a CAF nesse Banco do Mercosul, porque eles já têm experiência, nesse banco da América do Sul, porque já têm experiência. Há compreensões de companheiros de criar um outro banco. Para nós, do Brasil, não tem problema. Nós só queremos definir bem a regra e é importante saber que o Brasil está tendo uma grande participação no processo de integração. É só você analisar o mapa da América do Sul, e vocês vão perceber que o Brasil tem uma participação muito grande em financiamentos de projetos de integração em todos os países.

Agora, eu só quero a compreensão de vocês de que essas coisas são muito mais fáceis de falar e muito mais difíceis de fazer. Eu queria pegar um exemplo para ver, na prática, como as coisas são difíceis. Nós, historicamente, tivemos, na diplomacia brasileira, gente que não acreditava em uma aliança mais forte com a Argentina e também tinha, na chancelaria argentina, gente que via o Brasil como adversário, como inimigo. Ora, é difícil. Então, quando você senta à mesa para fazer um acordo, ou você senta com a disposição de avançar ou você senta com a disposição de não avançar. Cada um de vocês tem, na vida prática, isso que estou falando. Tem dias em que vocês se levantam com vontade de brigar com a esposa ou de brigar com o marido. Por mais que ela queira falar alguma coisa, vocês estão querendo briga, e aí não



tem acordo. Então, eu acho que na vida política acontece muito isso. Nós precisamos sempre ter a disposição de avançar nesse processo de integração, que vai da política à cultura, ao comércio. Nós, aqui, ainda não conseguimos construir, por exemplo, um intercâmbio muito forte entre os estudantes da América do Sul. Certamente, a Argentina tem mais intercâmbio com a Europa e o Brasil do que entre nós. Então, eu penso que tudo isso é desafio. O que eu penso é que os primeiros quatro anos foram um aprendizado muito grande e agora nós temos que dar passos para concretizar essa nossa política de alianças.

**Jornalista:** O ano passado foi um ano de eleições na América do Sul e o Presidente visitou outros mandatários, falando da importância das eleições em cada país para garantir a continuidade do processo. Este ano tem eleições na Argentina. O senhor acha que a continuidade da atual gestão da Argentina favorece a integração?

**Presidente:** Eu acho que favorece. É difícil um presidente da República de um país fazer julgamento sobre o outro, mas eu tiro pelos quatro anos de convivência com o presidente Kirchner. Eu acho que Argentina e Brasil nunca tiveram uma relação tão profícua como temos agora. Temos problemas? Temos. Mas, na Argentina tem problema entre os torcedores do Racing e do Boca Juniors, do River Plate; no Chile, tem problema entre o Colo Colo e o Nacional. Na política também tem problema. O importante é que os gestos que temos feito têm sido gestos produtivos, e Brasil e Argentina têm consciência de que essa relação tem que ser cada vez mais forte. Portanto, a continuidade dessa relação seria extremamente importante e eu acho que o Kirchner tem feito um governo muito bom na Argentina. Talvez tenha gente que ache que poderia acontecer coisa melhor e nós estamos sempre querendo coisa melhor. Vamos analisar o que era antes do Kirchner para ver a recuperação da auto-





estima que aconteceu na América Latina. Foi uma coisa extraordinária. O processo de conquista democrática no Chile, na Argentina, no Brasil, a eleição de Tabaré, a eleição de Evo Morales, a eleição de Nicanor, a eleição de Rafael Correa, são coisas importantes para nós. A relação com a Colômbia tem sido uma coisa importante para todos nós, e agora, com o Alan García, no Peru.

Eu penso que as coisas estão melhorando e vão melhorar se a gente souber conviver democraticamente na adversidade. Ninguém precisa concordar com tudo, mas estar de acordo no possível e no necessário. Isso é que é, para mim, extremamente importante.

**Jornalista:** O senhor e o presidente Kirchner têm prometido, desde o começo de 2004, um relançamento do Mercosul. Estamos em um impasse no Mercosul: a incorporação da Venezuela e a crise entre Argentina e Uruguai. Como fará esse Mercosul, em crescimento, para administrar isso?

**Presidente:** Eu acho que não temos impasse no Mercosul. Nós temos dificuldades, porque, muitas vezes, nós exigimos de nós um tempo muito curto para que as coisas aconteçam. Vamos pegar a União Européia, que demorou 50 anos para se unificar. Faz pouco tempo, o povo francês, pela direita e pela esquerda, rechaçou a Constituição, rechaçou a moeda e tem problemas. Então, essas coisas vão se costurando. Os problemas que nós temos, eu acho que são apenas indicadores de que precisamos ser mais competentes. Temos que ser mais generosos na compreensão do atendimento àqueles que sofrem e que precisam mais, porque nós também temos problemas internos. A pobreza existe na Argentina e existe no Brasil. Então, nós também temos que partir daí para fazer a nossa política com outros países. E nós trabalhamos mais, nós trabalhamos para a Bolívia entrar no Mercosul, nós trabalhamos para o Equador entrar no Mercosul. O que nós queremos é todo mundo no Mercosul, com todos os defeitos que tenhamos. Afinal de contas, se não



fossem os problemas, para que existiriam políticos?

**Jornalista:** O senhor insiste muito no conceito de integração, mas o que acontece na América do Sul é que há dois conceitos distintos de integração. Temos o conceito do Brasil, mas também temos o conceito da Venezuela. Queria lhe perguntar diretamente: qual é a preocupação que se tem no Brasil pela crescente influência da Venezuela na região? Não somente em nível de investimentos, mas em nível político, influência nítida na Bolívia e também no Equador. O Equador está seguindo caminho semelhante com a constituinte. Digo isso porque, tradicionalmente, o Brasil tem exercido maior influência na região e a presença de Chávez mudou um pouco o mapa político na região. Existe uma preocupação em relação a esse conceito, digamos, diferente de integração?

**Presidente:** Primeiro, eu não vejo o conceito distinto de integração, não vejo. O que eu acho é que nós temos que medir o que está acontecendo por outro ângulo. Antes do Chávez, a Venezuela era quase 100% dependente da relação com os Estados Unidos. Então, a mudança que há, concretamente, é que o Chávez é um presidente latino-americano, voltado para priorizar a questão sul-americana. Então, eu não vejo nenhum mal em o Chávez sonhar o sonho de uma única América do Sul, que Bolívar sonhava, e de ter uma participação forte na relação com os países. O que eu vejo é que a Venezuela começa a se mostrar ao mundo como um país soberano, que tem noção do seu potencial e, portanto, tem uma abertura de ajuda maior do que tinha anteriormente. Mas eu penso que a relação com o Chile, com Argentina, com o Brasil, é melhor.

O Brasil, eu quero dizer para vocês, tem uma extraordinária relação com a Venezuela. Eu diria que extraordinária mesmo. O que nós precisamos fazer? É que nós temos muitas inversões na Venezuela, vendemos muito para a Venezuela e compramos pouco da Venezuela. Então, nós precisamos ter um



equilíbrio, precisamos comprar mais. Estamos fazendo uma parceria na Venezuela e no Brasil. Na Venezuela a Petrobras tem 40%, a PDVSA tem 60%. Aqui, no Brasil, a Petrobras tem 60 e a PDVSA tem 40. Vamos trabalhar juntos para construir o gasoduto. Eu acho extraordinário que você tenha um governo, na América do Sul, com o potencial energético que tem a Bolívia, que tem o Chile, ou melhor, que tem a Venezuela, e que não esteja olhando apenas para os Estados Unidos, que esteja olhando para o processo de integração.

**Jornalista:** Mas nem sequer lhe preocupa a influência de Chávez em países como a Bolívia, seguindo o raciocínio da pergunta anterior? Onde ele (Chávez) teve influência na nacionalização dos hidrocarbonetos que foi tão prejudicial para o Brasil?

**Jornalista2:** Complementando um pouco isso, houve o tema do desconforto da Petrobras com o tema das compensações. Visão diferente.

**Presidente:** Vamos colocar as coisas no seu devido lugar. Primeiro, eu acho extraordinário a Bolívia ter eleito um presidente como o Evo Morales. Ninguém tem a cara da Bolívia como tem o Evo Morales. E, portanto, ele tem problemas, resultado de problemas seculares de uma parcela do povo que chegou ao poder, como nós tivemos aqui no Brasil. Não estava previsto na sociologia brasileira um metalúrgico ser presidente do Brasil. E eu gerei muita desconfiança nos países vizinhos. Certamente eu gerei desconfiança. Certamente, o presidente Lagos deve ter ficado preocupado. “Quem é esse Lula? O que ele vai fazer?” Certamente, o Duhalde ficou preocupado. “Quem é esse Lula?” Bem, eu acho que todo mundo ficou preocupado, afinal de contas, não estava na lógica política um metalúrgico ser presidente da República. Veja o Evo Morales, muita gente se preocupa: “mas será que ele está preparado?” Eu acho que está e o povo vai se preparando com o tempo. A gente aprende.



A questão da nacionalização não é uma coisa do Evo Morales. É importante lembrar que o plebiscito foi antes do Evo Morales, foi ainda no governo do Carlos Mesa. Então, o povo decidiu, por 80%, que deveria nacionalizar. E depois vamos analisar a história dos hidrocarbonos no mundo do petróleo como um todo. Em todos os países do mundo houve guerra por nacionalização. Então, eu acho natural que o Evo queira nacionalizar o gás. Ele tem que reivindicar o preço justo, e os países que vão comprar só podem comprar se o preço também for justo para quem vai comprar. Se é Argentina, se é Brasil, se é Chile, o preço tem que ser justo, porque se o preço não for justo, nós não poderemos comprar. Mas veja, eu tenho conversado muito com o Evo Morales e tenho dito para o Evo, tenho dito para o Kirchner, para o Chávez, que nós precisamos ajudar a Bolívia.

Eu, agora, fui a Camp Davis conversar com o Bush. E uma das conversas minhas com o Bush era para que ele não retirasse as preferências da Bolívia. Da mesma forma eu pedi para que não tirasse as preferências do Equador. Por quê? Porque seria problemático. Os países são pobres, se o pouco dinheiro que entra ainda é retirado, ao invés de ajudar vai ter mais problemas. Nós não combateremos as nossas deficiências se não houver crescimento econômico, se não houver geração de empregos, se não houver distribuição de renda.

Então, o que nós precisamos é facilitar essa relação e não ficar achando que alguém é adversário nosso, que alguém é inimigo nosso. Veja, cada país tem facilidade para fazer uma coisa. Eu vou te dar um exemplo: quando eu tomei posse, em 2003, recebi um telefonema do presidente Wade, do Senegal. Ele me pedia um avião para jogar veneno e matar os gafanhotos. Então, eu achei que era simples, e falei para o presidente Wade: Fique tranquilo que mandaremos o avião. Liguei para o Comandante da Aeronáutica. O que aconteceu? Demorou seis meses, porque tem que passar pelo Congresso, tem que ser aprovado. Essas são as regras do Brasil. Muitas vezes, na Venezuela,



o Chávez não precisa disso, tem outro mecanismo legal. Então, ele pode mandar um trator para o Brasil, com uma facilidade que eu não posso mandar para ele. Para o Brasil, eu não quero citar a Bolívia, quero dar apenas um exemplo. Por quê? Porque a legislação dele é uma e a minha é outra. Na Argentina deve ser outra, no Chile deve ser outra.

Então, nós temos que ter essa compreensão e não fazer disso um cavalo de batalha. O que é importante, gente, é que estamos vivendo um momento auspicioso na América do Sul do ponto de vista político. Temos problemas para resolver? Temos muitos, interna e externamente. Mas estamos vivendo, eu diria, um extraordinário momento. Toda vez que eu tenho uma dificuldade, eu fico imaginando a evolução política da América do Sul. É a novidade do Planeta nesse século XXI, é por onde estão acontecendo as coisas, as novidades políticas. Eu acho isso fantástico. Qual é o desafio que nós temos? É saber se seremos competentes para transformar essas novidades numa conquista para o nosso povo. Esse é o desafio.

Eu tenho mais quatro anos de mandato, portanto, Deus me deu uma chance de fazer mais do que fizemos no primeiro mandato. Certamente haverá continuidade na Argentina, no Chile. Michelle só tem um ano de governo, tem mais três pela frente. E eu acho que nós vamos evoluir.

Eu, de vez em quando, chamo a atenção dos companheiros presidentes. Eu falo o seguinte: nós não podemos permitir que as nossas divergências do século XIX implique em convergências para o futuro. Obviamente que eu não quero apagar a história. O que eu quero é que, se a gente pensar o que construir no futuro, vamos ter mais sucesso do que se ficarmos discutindo o passado, até porque, no passado, nós éramos colonizados. Então, muitas das coisas que aconteceram nos nossos países eram decisões vindas de Portugal e da Espanha, e não decisões vindas de nós mesmos.

Então, pensar no futuro, o desafio que eu tenho todos os dias é pensar o seguinte: eu, agora, estou criando uma secretaria especial ligada à Presidência



da República para pensar o Brasil para o ano 2022, que é o ano em que a gente completa 200 anos de independência. Então, eu, com essa secretaria, pretendo construir o Brasil dos nossos sonhos em 2022, e quero partilhar com o Congresso Nacional a aprovação desse sonho. Para quê? Para que cada presidente que vier depois faça o que quiser, porque ele tem um mandato, mas tem as coisas prioritárias do Estado brasileiro, da nação, que todos que vierem depois são obrigados a fazer.

Então, pensar no futuro é um desafio muito maior do que remoer o passado ou ficar apenas governando em função do presente. Fazer essa combinação do presente com o futuro é um desafio extraordinário para todos nós. Eu fico imaginando que nós, em algum momento, vamos começar a pensar a América do Sul para daqui a 30 anos. Se os governantes da América do Sul não assumirem o desafio, envolvendo as instituições, que vão da Igreja ao sindicato, dos intelectuais aos artistas, para definir a América do Sul que queremos nos próximos 30 anos... Porque depende só de nós, não depende dos Estados Unidos, não depende da União Européia, não depende da China. Depende de nós.

Quando nós, em 2003, resolvemos dizer que era possível mudar a geografia comercial do mundo, muita gente achava que éramos loucos. Mas, depois disso, surgiu o G-20, e o G-20 possibilita o quê? Nunca, em nenhum momento da história, a América do Sul foi tão respeitada nas negociações internacionais como é agora. Nunca. Sabem por quê? Porque não estamos sós. Estamos com a China, estamos com a Índia, estamos com a África do Sul, estamos com um conjunto de países que, juntos, representam mais da metade da população mundial. E isso, os grandes grupos econômicos, sejam os Estados Unidos e a União Européia, sabem que precisam levar em conta o G-20 nas negociações, apenas por uma necessidade de equilíbrio macroeconômico, macropolítico, macrocomercial. Ninguém pode, hoje, negociar sem levar isso em conta.



Da mesma forma que quando discutimos a reformulação da ONU, é porque é inconcebível, 60 anos depois, a estrutura das Nações Unidas continuar a mesma que foi constituída em um mundo bipolar que não existe mais. Será que a gente não compreende? Peguem um mapa do mundo e vejam que o mundo de 2007 é diferente do mundo de 1948. Então, o que nós queremos? É apenas adequar as Nações Unidas ao mundo político do século XXI. Só isso. Agora, quem não quer? São aqueles que já estão no Conselho de Segurança. Eles já estão lá, para que mudar? Afinal de contas, eu não conheço ninguém que queira abrir mão do cargo que tem para que entrem outros. Nós temos a Inglaterra que é favorável, nós temos outros países, a França é favorável. Nós temos um grupo, que é a Alemanha, Brasil, Índia e Japão, em que estamos discutindo. A China não quer o Japão. A Itália não quer a Alemanha.

**Presidente:** Não, é a China que não quer o Japão. A China já está no Conselho de Segurança. Então, o que acontece? Eu tenho compreensão das disputas históricas entre Argentina e Brasil, disputa diplomática. Isso é histórico. Então, a gente também não muda isso num passe de mágica. Vai evoluindo. E hoje eu vou repetir o seguinte: eu nunca tive uma conversa dessas com o Kirchner.

**Jornalista:** Tem um momento para ter essa conversa?

**Presidente:** Eu acho que em qualquer momento. Eu tive uma boa conversa com o presidente Bush e, pela primeira vez, o presidente Bush admitiu criar um grupo de trabalho liderado pelo Celso e pela Condoleezza para aprofundar essa discussão. Antes isso era tabu. Para minha surpresa, a China andou pelo mundo, trabalhando contra a mudança no Conselho de Segurança. Agora, vejam, nós apresentamos a nossa proposta em dois tempos. O primeiro tempo



é a votação, se vamos fazer a reforma ou não, que tipo de reforma, depois, se apresentam os países. Primeiro vamos consolidar se há ou não reforma e, depois, então, votamos quem vai ser.

**Ministro Celso Amorim:** Só para completar um aspecto que é importante. Aceitamos, também, que daqui a 10 ou 12 anos se faça uma revisão de tudo. Se as pessoas não estiverem satisfeitas, muda-se.

**Presidente:** Quem é que falta fazer uma pergunta?

**Jornalista:** O senhor falou de compreensão política. A minha pergunta é: o senhor sente-se compreendido, por exemplo, quando o presidente Bush faz uma viagem à região e o presidente Chávez faz uma viagem paralela e organiza um ato em Buenos Aires quando Bush estava reunido com Tabaré Vasquez no Uruguai? Por seu lado, o Brasil falou com os EUA de biocombustíveis, e Chávez levanta a bandeira contra os biocombustíveis. O senhor é muito compreensivo com os outros, mas o que quero saber é se o senhor sente-se compreendido.

**Presidente:** Eu compreendo as razões políticas. Eu não faria, mas eu compreendo as razões políticas, e isso faz parte de um jogo que tem que haver. Muita gente imaginou que em Isla Margarita iria ter uma guerra, e não houve nenhuma guerra. A compreensão sobre a necessidade da integração energética, obviamente nós temos países que têm mais potencial energético do que outros. Nós temos países que têm muito gás, outros não têm nada, países que têm muito petróleo, outros que não têm nada, países que têm muitas hidrelétricas, outros que não têm nada, países que têm energia nuclear, outros que não têm. Qual é o desafio que está colocado? Qual é a vantagem que, eu acho, nós poderemos construir? Na reunião de Isla Margarita, ficou garantido o





quê? Primeiro, o biocombustível tem que ser levado em conta pelos países que têm potencial agrícola para plantar. Eu vejo na questão do biodiesel, para este século, a solução de muitos países pobres do Planeta. Segundo, eu compreendo, e eu mesmo disse ao presidente Bush, que obviamente seria melhor que não fosse produzido etanol de milho, obviamente eu queria que eles produzissem de outra coisa que não fosse alimento animal.

Mas a humanidade tem dado exemplos extraordinários. Há muitos séculos tinha gente que achava que as duas mãos não seriam capazes de alimentar uma boca. E aí veio a tecnologia e a gente percebe que o problema nosso, hoje, é que nós produzimos, por hectare, quatro vezes o que produzíamos há 20 anos. Nós demorávamos 48 meses para abater um boi e hoje se abate em 18 meses. Nós levávamos 90 dias para abater um frango e hoje nós fazemos isso em 40 dias. A cana-de-açúcar, hoje nós produzimos, por hectare 3,7 vezes mais do que produzíamos em 75. E a tendência é a gente fazer com que haja evolução da espécie e, cada vez mais, produzir numa menor área de terra, e cada vez produzir mais álcool e mais açúcar com a mesma cana. Essa é a revolução tecnológica de que os países precisam.

Mas eu acho mais, eu acho que o biodiesel é uma solução que o Planeta precisa, não apenas para gerar empregos, como para despoluir o Planeta. Se o mundo desenvolvido utilizar, cumprindo o que eles assinaram no Acordo de Quioto, Protocolo de Quioto, 10% de etanol na gasolina, o que vai acontecer? Os países africanos, que têm necessidades enormes de produzir riqueza, vão ter a chance de ser tratados pelos europeus como é o príncipe da Arábia Saudita hoje, por conta do petróleo. Obviamente que não há nenhuma hipótese de você imaginar que alguém vai deixar de plantar feijão e arroz para plantar alguma coisa do biodiesel. As pessoas vão combinar, porque o alimento continua sendo a maior fonte energética de que o Planeta precisa. Entretanto, hoje, o problema da fome no mundo não é por falta de alimento, é por falta de renda.



**Jornalista:** Presidente, este ano o senhor falou que ia visitar o Fidel Castro no começo do ano. Gostaria de convencer Fidel Castro da sua opinião sobre o tema do biodiesel?

**Presidente:** Não se trata de convencer. Eu respeito a soberania de cada país. Cada presidente é livre para falar o que quer, na hora em que quer. Eu não faço julgamentos dos discursos dos meus companheiros presidentes. Se não mexer com o Brasil, não faço julgamento. Eu só faço julgamento se mexerem com o Brasil. E qual é a realidade do Brasil? Nós temos 440 milhões de hectares de terras para a agricultura, terra agricultável. Desses 440 milhões de hectares de terra, só 1% é utilizado para produzir etanol, 29% são utilizados para pasto, 4% são utilizados para soja e ainda temos 80 milhões de hectares totalmente prontos para plantarmos o que quisermos. E obviamente iremos plantando sem mexer na Amazônia. E há uma tendência natural de cada vez mais o rebanho de gado ser criado em espaços menores, portanto, vai sobrar mais terra para plantar e nós iremos plantar aquilo que os outros podem comprar.

Por que a Argentina produz muita soja? Porque tem muita gente no mundo comprando soja. Se fosse outro produto agrícola, seria outro produto agrícola. Da mesma forma o Chile, por que produz muitas frutas? Porque tem muita gente que gosta das frutas chilenas. Por que o Chile e a Argentina produzem muito vinho e cada vez de melhor qualidade? Porque está crescendo o mercado dos consumidores de vinho. Na hora em que crescer o mercado de biodiesel e etanol, as pessoas vão perceber que São Paulo vai ficar mais gostosa para morar porque vai ter menos emissão de gás; Buenos Aires vai ficar melhor para morar, porque vai ter menos emissão de gás; Santiago vai ficar melhor para morar, porque vai ter menos emissão de gases. Não é isso que nós queremos?



Se estabelecermos entre nós uma política de complementaridade, em que um pode ajudar o outro, é tudo o que precisamos. Eu dizia na reunião da Ilha Margarita, foi discutido o potencial de petróleo do mundo e do nosso Continente, foi discutido o potencial de gás no mundo e do Continente, e eu levantei o potencial de energia elétrica produzida por hidrelétrica. Nós temos um potencial hidrelétrico na América do Sul que, transformado em barris de petróleo, equivalente a 1 trilhão, 349 bilhões de barris de petróleo. Pois bem, para o quê eu chamava a atenção dos presidentes? Se nós tivermos uma integração de tudo que temos, o gás da Venezuela, nós estamos dispostos a fazer a parceria para construir o gasoduto, e o próprio presidente Chávez é quem está preocupado de que tem que ter um tratado internacional, porque essas coisas são de uma magnitude tão grande que não podem ficar por conta do nervosismo político de cada país.

**Jornalista:** Qual a preocupação de Chávez?

**Presidente:** Eu estou falando que o Chávez tem interesse que o gasoduto seja feito com base num tratado internacional. Para quê? Para que se garanta que seja uma coisa duradoura e definitiva. Imagine você se nós construirmos as hidrelétricas que precisam ser construídas em cada país e fizermos linhas de transmissão interconectando todos os países. O que vai acontecer? Como nós temos chuvas em diferentes épocas em cada país, você vai ter sempre uma região com os lagos cheios, portanto, produzindo energia total, enquanto outros estarão vazios. O que acontece? Você faz a transferência.

Aqui no Brasil, quando aconteceu o “apagão” de 2001, nós tínhamos excesso de energia no Sul do País e tínhamos falta de energia no Sudeste. Nós não tínhamos linhas de transmissões para trazer. Agora, nós não temos este problema. Então, eu fico pensando num processo de integração, nós resolveremos os problemas do Chile, da Argentina, do Brasil, do Uruguai, do



Paraguai. Isso vai levar tempo? Vai. Porque nós somos pobres e não temos dinheiro para fazer todo o investimento, mas nós temos que começar agora.

**Jornalista:** E nesse contexto, os corredores bioceânicos?

**Jornalista2:** Quero completar a pergunta. Na agenda que o senhor vai tratar com a presidente Bachelet, qual a importância que será dada aos biocombustíveis? Haverá uma agenda com o Chile sobre biocombustíveis? Porque o tema recém começou.

**Presidente:** Olha, ninguém conversa hoje comigo... a pessoa pode não querer falar de biodiesel, mas pode ficar certo que eu “hablarei” de biodiesel.

**Ministro Celso Amorim:** Mas só para informar, haverá um acordo sobre biocombustível, um memorando. Uma coisa inicial sobre biocombustível. E a questão das interoceânicas também será parte da discussão. Não sei se será parte de um acordo mas, evidentemente, de Bioceânica, nós não poderemos conversar sozinhos, temos que conversar com a Argentina e com a Bolívia também. Então, a idéia é conversar com o Chile, mas atrair para essa interconectividade.

**(em espanhol)**

**Jornalista:** A minha pergunta é: se o processo de integração avança. Por que, quando surge um conflito, como entre a Argentina e o Uruguai, ele vai ser discutido em Haia e não em Brasília?

**Presidente:** Poderia resolver em Buenos Aires, em Santiago, no Chile, em Montevideú, não em Brasília. Deixa eu lhe contar uma coisa, e é uma coisa que eu penso. Vocês estão lembrados que eu disse que é preciso que a gente



construa instituições fortes entre nós para que as coisas aconteçam de verdade. Então veja, nós estamos caminhando para construir um parlamento do Mercosul. Já foi aprovado, mas ainda não está instalado. Nós estamos falando em moeda única. Agora, já temos o Tribunal Arbitral para Comércio e, aos poucos, nós vamos, não tenham dúvida, chegar a algum momento e criar um mecanismo institucional que resolva conflitos entre nós. Isso faz parte da evolução política. Não tem sentido a gente recorrer à OEA, recorrer à ONU, recorrer à Corte de Haya ou a qualquer outra Corte, ou seja, nós, com o tempo, vamos construir, certamente, em algum momento, o nosso próprio instrumento para resolver conflitos.

Esse é um processo que somente o tempo vai fazer com que as pessoas tenham compreensão política da sua necessidade. Isso não sai de cima para baixo, por decreto, esse é um processo de compreensão, porque envolve os conflitos políticos internos. E para a gente criar uma instituição que possa fazer essa arbitragem dos conflitos políticos, primeiro, é preciso que tenha, no seio do povo de cada país, o respeito a esse mecanismo. Você viu ontem, no Equador, a Suprema Corte tomou uma decisão, depois o Congresso tomou outra, e a Suprema Corte saiu agredida da sessão.

**Jornalista:** Tenho entendido que existem algumas diferenças, não muito grandes, mas que existem, entre Argentina e Brasil, com respeito à institucionalização da América do Sul, da nova união sul-americana, no sentido, que eu tenho entendido, que os argentinos falam que é melhor fazer do Mercosul o núcleo duro, mais importante, e deixar a união sul-americana como questão formal, ou para tratar da questão energética.

**Presidente:** Eu confesso que não vejo conflito. Eu vejo nisso, primeiro, uma atitude nobre da Argentina de querer consolidar o que já existe, que é o Mercosul, ou seja, você está lembrada de que na minha campanha eu dizia



que o povo não pode trocar o certo pelo duvidoso. Então, o que acontece? O Mercosul hoje é uma coisa concreta. A união dos países da América do Sul é uma coisa que está sendo construída. E obviamente que quanto mais forte for o Mercosul, mais a gente vai consolidar a união da América do Sul, quiçá num belo espaço de tempo todos estarão dentro do Mercosul e aí nós teremos juntado a fome e a vontade de comer.

**Jornalista:** Mas para isso teria de mudar a política tarifária do Mercosul, o Chile não vai aceitar assim tão facilmente.

**Ministro Celso Amorim:** Aí é uma questão técnica. Para ser membro pleno do Mercosul tem que ser membro da União Aduaneira. Então, a questão é justamente essa, o que vamos fazer com os que não podem ser membros? Vamos deixar que vão para outro lugar? Não. Então, vamos atraí-los para a União, é uma maneira de compreender, como dizia o Presidente no início, que é uma integração que está em duas velocidades. Há lugar para todos nessa integração.

**Presidente:** Deixa eu dizer uma coisa, está chegando o final da nossa entrevista. É o seguinte, uma coisa em que vocês podem nos ajudar e que nós, presidentes, precisamos ter compreensão é que estaremos muito mais próximos de nós mesmos quando percebermos que fazer acordos entre nós é tão bom ou tão mais importante do que fazer acordos com os outros. Você percebe? Ia ser um processo porque, historicamente, o Chile tem os seus acordos com os Estados Unidos. E nós só poderemos discutir com o Chile na hora em que a gente apresentar viabilidade comercial para o Chile, em que ele sinta que pode ter as mesmas condições que tem no outro acordo. Ninguém quer levar nenhum outro país a ter prejuízo. Ninguém quer que ninguém faça um sacrifício. O que nós queremos é fortalecer o Mercosul, criar as condições



de comércio entre nós, que os países sintam vontade de vir para o Mercosul.

**Jornalista:** Para isso temos de ver o que nos convêm a ambos.

**Presidente:** Obviamente tem que combinar por anos. É como eu te disse, tudo isso é uma via de duas mãos. O que era estranho, era que há 15 ou 20 anos, todos nós estávamos brigando para vender para os Estados Unidos e para a União Européia. E nos desconhecíamos. Eu quero dizer para vocês que nós temos mais responsabilidade na integração do que vocês imaginam. Por exemplo, a integração, para se dar concretamente, ela tem que ser pensada. Tem integração energética, integração comercial, integração política, integração cultural, integração das nossas bases econômicas, de moeda. Agora, tem coisas que são mais rápidas: integração aérea. Hoje, tem países da América do Sul que não podem vir a Buenos Aires ou vir ao Brasil porque não têm “vuelo”. Vai primeiro para Miami para depois voltar. A África está aqui. De Fortaleza, no Ceará, ao continente africano, são três horas e meia. Para um brasileiro ir daqui à Nigéria, que está a seis horas do Brasil, nós temos que ir a Londres. Não o presidente, que tem o avião dele. Mas qualquer comerciante, qualquer empresário, tem que ir a Londres. Ou nós compreendemos que essa relação entre nós vai crescer, na medida em que a gente facilite o trânsito entre os povos, ou nós vamos ficar com o discurso. E aí alguém do Equador que quer vir ao Brasil, tem que ir a Miami, ele já faz negócio em Miami. Não vai vir ao Brasil. Fazer o quê? Eu só queria dizer para você o seguinte: eu quero mais, mas acho que nós evoluímos bastante.

**Ministro Celso Amorim:** As reuniões de presidentes este ano, Presidente, foram, no mínimo, três. No mínimo. Teve no Rio de Janeiro, houve agora na Isla Margarita, vai haver em Cartagena. Isso tudo está previsto. Em outubro. Além disso, vai haver as reuniões do Mercosul e da Comunidade Andina, para



as quais os outros presidentes podem ser convidados. Pelo menos três.

**Jornalista:** Em Pernambuco também?

**Presidente:** Tem em julho. Em julho, possivelmente, a gente começa a terraplanagem em Pernambuco. Eu já falei com o Chávez que, na data certa, eu telefono para ele.

**Jornalista:** O senhor está otimista com o gasoduto, né?

**Presidente:** Estou otimista. Mais do que otimista, eu acho que é uma necessidade. Acho engraçado que as pessoas aqui da América do Sul vêm construir um gasoduto na Rússia, que atravessa toda a Europa, e as pessoas acham normal. Nós queremos construir o nosso aqui, as pessoas acham normal? O que nós precisamos é ter auto-estima e achar que nós precisamos e vamos fazer. Vamos definir a participação de cada um, porque senão nós ficamos com desconfianças políticas entre nós, que somos pobres, de que não podemos nada, e os outros podem. É importante lembrar que a Itália fez gasoduto na época da Guerra Fria, contra a vontade dos Estados Unidos. Como ela faz parte do bloco dos países ricos, todo mundo aceita como normal. Agora, aqui no Brasil, na Argentina, existem algumas pessoas que escrevem, que debatem, dizendo: “não pode, não acredito”. Por que não acreditamos? Temos gás, temos tecnologia, temos interesse econômico. Por que não fazer? Então, nós estamos trabalhando fortemente nisso. A Petrobras tem 52 técnicos na Venezuela, discutindo com os técnicos da Venezuela a viabilidade do projeto, a questão ambiental. E, se Deus quiser, um dia teremos esse gasoduto e eu espero estar vivo para vê-lo atravessar toda a nossa América e chegar no Chile, na Argentina, no Uruguai, no Paraguai. Então, é isso.





**Jornalista:** Uma pergunta relativa ao Chile. Ricardo Lagos era mais parecido com Fernando Henrique e Michele Bachelet se parece mais com o senhor. O senhor se sente mais próximo de Michele Bachelet do que de Ricardo Lagos? Em relação a isso, queria lhe perguntar: qual o papel que o senhor espera que o Chile assuma na região, no cenário político?

**Presidente:** Primeiro, eu queria dizer uma coisa. Eu tenho um prazer muito grande de ter conhecido o presidente Lagos. É um dos grandes políticos da América do Sul e, certamente, ele deve ter tido mais relações com o Fernando Henrique Cardoso do que comigo.

**Ministro Celso Amorim:** Uma vez ele lhe disse, Presidente, que se tivesse visto interesse do Brasil na integração sul-americana, talvez ele tivesse feito outras opções.

**Presidente:** Ele disse mais. Ele disse, publicamente, em uma reunião, que se ele soubesse que o Brasil ia dar certo, como deu, ele talvez tivesse feito outras opções. Eu me dava muito bem com o Lagos, me dou muito bem com a Michelle Bachelet. E, sobretudo, eu quero estar bem na minha relação com o Chile. É o Brasil que está bem com o Chile e o Chile com Brasil. O Chile é um exemplo de país que conseguiu se ordenar direito, consolidou a democracia e eu só torço para que o Chile tenha todo o sucesso do mundo e possa melhorar a relação com o Brasil, com a Argentina, com o Uruguai, com o Paraguai. Que a gente possa fazer a Bioceânica, que a gente possa chegar ao Pacífico e que eles possam chegar ao Atlântico. Nós temos tudo para fazer. O problema é que não fizemos.

Companheiros, passem com uma coisa que aconteceu. A primeira ponte construída entre Brasil e Bolívia aconteceu no meu governo. A primeira ponte entre Brasil e Peru aconteceu no meu governo. Vocês imaginem o tempo



que nós perdemos. São mil e poucos quilômetros do estado do Acre ao Pacífico, via Peru. Nós poderemos construir hidrovias e chegar via Colômbia, via Equador ao Pacífico, e eles podem chegar ao Atlântico. Então, eu fico imaginando quantos anos nós jogamos fora, achando que os Estados Unidos iam nos salvar, achando que os países ricos iriam nos adotar. Ninguém adota ninguém. O nosso respeito cresce na medida em que nós nos respeitamos. Os investimentos estrangeiros virão na medida em que a nossa economia estiver equilibrada e oferecer tranquilidade. Então, vamos fazer as coisas que nós temos que fazer e o resto vai acontecer. Agora, nós precisamos mostrar ao mundo o que nós queremos.

Eu digo sempre que – e eu fiz muito isso, portanto não estou criticando ninguém – um dirigente latino-americano viaja o mundo e a gente joga toda a culpa da desgraça no imperialismo, na colonização e, muitas vezes, nós absolvemos a perversidade de uma parte da elite dos nossos países que governaram durante tantos e tantos anos, e não combateram a corrupção e não fizeram distribuição de renda. Então, eu penso que se nós olharmos para as nossas deficiências históricas e resolvermos consertá-las, nós estaremos dando um passo extraordinário.

Eu sou um otimista inveterado, por exemplo, com o caso da Argentina. Eu fui à Argentina logo que eu ganhei as eleições de 2002 e eu me lembro do que tinha acontecido, na Argentina, com o De la Rúa, eu me lembro que muita gente não queria assumir a Presidência da Argentina, e eu me lembro das críticas que se fazia ao Duhalde. Agora, gente, vamos ser francos. O Duhalde foi um bem extraordinário para a Argentina, e o Kirchner foi um bem extraordinário para a Argentina. Houve uma recuperação da auto-estima, a economia voltou a crescer, as coisas estão acontecendo. Só que não se resolve o desmando de 30 anos em quatro anos. Esse é o problema. Destruir é mais fácil do que construir. Vocês viram aqui em Brasília, nesses dias foram destruir um prédio e, em dois minutos, derrubaram um prédio que levou 10



anos para ser feito. Na política também é assim, e na economia, se você der um passo errado, você pode retroceder 10 anos atrás.

Então, a compreensão que eu tenho é que, finalmente, a América do Sul se encontrou consigo mesma. E o desafio que está colocado para nós, agora, é se nós temos a grandeza e a dimensão que os nossos povos esperam de nós. Eu penso que com muita humildade e com muita compreensão das diferenças é que nós vamos construir essa América do Sul que foi sonhada durante tantos e tantos anos.

**Jornalista:** Presidente Lula, o senhor está no segundo mandato e está criando uma comissão, uma secretaria muito original, a de futuro. Eu estive fazendo algumas contas e vi que em 2014 o senhor terá a mesma idade que o Getúlio Vargas, quando (Inaudível). O senhor acha que pode (Inaudível) a sua vida política acabou?

**Presidente:** Olha, primeiro a vida política de um político só acaba quando ele morre. E se ele foi um bom político, ele tem seguidores para o resto da vida. Veja o que aconteceu com Jesus Cristo. Há 2000 anos os seguidores crescem a cada passo. Allende tem seguidores no Chile, Perón tem seguidores na Argentina, e Getúlio tem seguidores. Na Venezuela tem seguidores de Simon Bolívar, de quantos anos? Então veja, o ser político só morre se foi medíocre enquanto foi vivo, mas se foi um grande político, ele sobrevive aos tempos.

A questão de mandato ou não é uma coisa contingencial. Eu penso que 8 anos de mandato é tempo suficiente para a gente dizer o que é possível fazer. Não fazer tudo, agora eu não posso dizer o que vai acontecer daqui a 10 ou 15 anos, porque vai surgir muita gente neste País, surgir muita liderança. Você não tem noção de quanta gente quer ser presidente. Eu já fui agraciado.

**Jornalista:** Nem sequer um ano mais, em vez de quatro, cinco?



**Presidente:** Veja, eu era favorável, eu hoje não posso falar isso porque já fui reeleito, mas todo mundo sabe que eu era favorável à não reeleição e a um mandato de 5 anos, sem reeleição, porque eu acho que a alternância de poder é uma coisa importante. Agora, quero confessar para vocês também que quatro anos é muito pouco para você consolidar um projeto.

**Jornalista:** É o que ocorre no Chile, são quatro anos, quatro é pouco e oito também.

**Presidente:** Veja, o que acontece na verdade? Se o Franklin entender que não é bom, me corrija, e aí vocês não escrevem. O segundo mandato é um mandato que exige mais do que o primeiro. A minha preocupação com o segundo mandato é que você tem que ser mais criativo e tem que fazer coisas novas. Eu disse outro dia que o segundo mandato é como se fosse uma mulher e um homem que se separam e depois casam outra vez. Ou seja, é você casar com a ex-mulher e a ex-mulher casar com o ex-marido. Você tem que fazer tanta coisa nova para dar certo, para motivar, senão, não vale a pena. Então, o segundo mandato exige de mim essa criatividade, por isso é que nós começamos lançando o PAC, agora lançamos o Programa de Educação e, logo, logo vamos lançar o programa social. Depois, vamos lançar um programa para a juventude, porque nós não podemos ficar discutindo mais estabilidade econômica, isso já está consolidado, a inflação já está controlada, o crescimento econômico vai vir. Agora, é preciso trazer o povo para ser o conquistador desses avanços, senão não vale a pena.

Eu vou lhe dar um exemplo. O Brasil teve anos em que o PIB cresceu 14% e o salário mínimo não aumentou. No governo Juscelino, a média de crescimento foi de 7% e o salário mínimo não cresceu. Então, qual é o milagre que nós temos que fazer? É fazer com que o povo seja o grande ganhador



desse sucesso da estabilidade, do controle da inflação e do controle do crescimento econômico. Então é isso companheiros, estou embarcando daqui a pouco e sou muito otimista. A única divergência que eu quero ter com os meus parceiros da América do Sul é no futebol.

**Ministro Celso Amorim:** Eu não consigo convencer o Presidente a ter uma Seleção do Mercosul. Ele quer manter essa divergência. Devia jogar Mercosul contra a Europa.

**Presidente:** Mas eu ainda sonho em fazer um jogo entre uma Seleção do Mercosul, com uma camisa do Mercosul, contra uma Seleção Européia ou dos Estados Unidos.

**Ministro Celso Amorim:** Valendo subsídios agrícolas.

**Presidente:** É só. Então, tudo isso a gente pode construir nos próximos quatro anos.